# Escrita e construções de sentidos: o papel do outro na reelaboração discursiva

Adriana Cavalcanti dos Santos\*
Wilton Petrus dos Santos\*\*

#### Resumo

A presente investigação objetivou analisar a reelaboração discursiva do texto fundamentada nas intervencões entre interlocutores interessados a partir da compreensão da resposta ativa do enunciado marcado pela voz do terceiro no discurso. Nesse contexto, problematizou-se: qual o papel do outro no desenvolvimento discursivo do texto? Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa do tipo pesquisa-ação. Para a análise dos dados, discutiu-se a perspectiva dialógica do Círculo Bakhtiniano. Os resultados mostraram que, por sua visão excedente, o outro possui papel relevante e determinante na cadeia organizacional e ininterrupta do discurso no texto. No processo de produção textual, o outro assumiu um lugar significativo na reelaboração dos sentidos através de sua réplica, que permite a retomada das ideias do autor, a partir do entrelaçamento das ideologias, e também das vozes de autoridade que constitui o discurso.

Palavras-chave: Escrita. Inacabamento. Reelaboração. Terceiro do discurso.

### Introdução

A língua, como objeto dos estudos das leis gramaticais, ainda é observada na contemporaneidade. Nesse sentido, basta adentrarmos às escolas para a realização de investigações sobre o tratamento e direcionamento de língua materna, que, presumivelmente teremos a possiblidade de encontrar certo distanciamento entre esses estudos e as práticas reais do cotidiano. No entanto, é necessária a observância da palavra na esfera da comunicação social organizada,

Data de submissão: ago. 2021 – Data de aceite: out. 2021 http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v17i3.11496

<sup>\*</sup> Doutora em Educação Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/CEDU/UFAL). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Didática da Leitura da Literatura e da Escrita (GELLITE). Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maceió, Brasil. E-mail: adricavalcanti@cedu.ufal.br

<sup>\*\*</sup> Mestre e Doutorando em Educação. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Didática da Leitura da Literatura e da Escrita (GELLITE). Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maceió, Brasil. E-mail: wiltonpetrus@yahoo.com.br

em outras palavras, análise e reflexões da língua em uso. A unidade social e do acontecimento da comunicação mais próxima são questões pontuais para a compreensão do enunciado, haja vista que a ruptura entre os estudos linguísticos e o seu conteúdo sociocultural e histórico é um erro (VOLÓCHINOV, 2019).

Linguagem e consciência são fatores sociais carregados de valores ideológicos que se formam no material sígnico criado no processo da comunicação no ambiente global da comunicação (VOLÓCHINOV, 2017). Por conseguinte, a compreensão não é vertida dos dicionários, mas do contexto da vida, onde a palavra se segmenta e se impregna de avaliações (VOLÓCHINOV, 2019). Nesse sentido, as práticas de ensino das linguagens oral, escrita e outros signos semióticos na escola impõem considerar os valores culturais e axiológicos dos protagonistas do discurso.

Posto isso, este artigo atenta paras as estratégias da participação do outro no jogo interativo e dialógico e, consequentemente, as respostas dos sujeitos na forma de reconstrução do texto escrito. Definimos a investigação¹ com a seguinte pergunta norteadora: qual o papel do outro no desenvolvimento discursivo do texto? Logo, a presente investigação objetivou analisar a reelaboração discursiva do texto fundamentada nas intervenções entre interlocutores interessados (BAZARIN, 2006) a partir da

compreensão da resposta ativa do enunciado marcado pela voz de autoridade, o terceiro do discurso (BAKHTIN, 2011).

A base de análise deste trabalho é o texto, esse como construção ideológica e discursiva do sujeito concreto. Atentamo-nos aos pressupostos metodológicos da teoria de Bakhtin (2011) e do Círculo. Para esse autor, é preciso que um estudioso em ciências humanas se detenha em uma análise que parta do texto como unidade mínima, entendendo que onde não há texto (enunciado, discurso), também não há objeto de estudo e de pensamento.

Finalmente, cabe destacar que este artigo se desenvolve em quatro momentos inter-relacionados. No primeiro, as notas introdutórias. No segundo momento, discutimos a fundamentação teórica. Para isso, assegurou-se os pensamentos de Bakhtin (2011) e Volóchinov (2017; 2019), entre outros autores. No terceiro, analisamos os enunciados dos alunos e, por fim, apresentamos as considerações finais.

# Texto e discurso: a escrita em sala de aula

Seguindo os pressupostos da teoria do Círculo Bakhtiniano, a exemplo da obra do próprio Bakhtin (2011); e também Volóchinov (2017, 2019), percebemos a defesa por uma direção sociológica da criação do texto. Este relacionado a práticas do cotidiano, haja vista que a

palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido (VOLÓCHINOV, 2019).

Ampliando a discussão, Volóchinov (2019) chama atenção ao afirmar que a construção da consciência subjetiva do falante não se realiza por intermédio de formas normativas e idênticas. O sistema normativo é um produto de reflexão sobre a língua, que é realizado através de um esforço de práticas abstratas e repetitivas, mas que não observa a consciência do próprio falante e nem visa a fala imediata.

Por uma perspectiva significativa, o texto é visto como produto oriundo das práticas de uso da linguagem do cotidiano, texto na qualidade de enunciado que provoca reações em um contexto. Cabe dizer que a compreensão que provoca reação (resposta) não se reduz ao reconhecimento das formas e estruturas, mas à sua compreensão vale-se do contexto concreto e do sentido do enunciado sempre mutável e flexível, característica intrínseca do signo linguístico.

De modo algum o processo de compreensão deve ser confundido com o processo de reconhecimento. Eles são profundamente diferentes. Apenas um signo pode ser compreendido, já o sinal é reconhecido. O sinal é um objeto internamente imóvel e unitário que, na verdade, nada substitui, reflete ou refrata, sendo simplesmente um meio técnico através do qual se aponta para algum objeto (definido e imóvel) ou para alguma ação (também definida e imóvel) (VOLÓ-CHINOV, 2019, p. 165). Nesse sentido, um texto (discurso) é compreendido ao proporcionar sentidos: característica intrínseca do signo social e ideológico. Esta é a alternativa que o Círculo Bakhtiniano nos proporciona, um caminho por intermédio de um trabalho sociológico, tendo em conta a heterogeneidade dos sujeitos e de suas diversas produções discursivas.

Uma direção que pode ser tomada no âmbito educativo, no que se refere aos usos das linguagens, em sala de aula, é a que oferta interação e reflexão. Partimos de uma problematização simples: Escrevemos para alguém? Para responder de forma ampla a essa problematização, citamos que o discurso é sempre direcionado a alguém e dele espera-se resposta (VOLÓCHINOV, 2017), não existe um vazio discursivo, há sempre alternância em um contexto real.

Sobre isso, também corrobora Medviédev (2012) ao afirmar que a obra sempre está orientada para ouvintes e receptores. Trata-se o termo receptor não como o sujeito passivo, mas o receptor que devolve a palavra alternando o seu lugar e tornando-se interlocutor em um movimento de escutas e trocas responsivas.

Para os pensamentos do Círculo, não há um sujeito que recebe passivamente, isso equipara-se a uma ficção, como, por exemplo: as relações assimétricas e abissais entre o ouvinte e o entendedor, parceiros do fluxo único da fala (BAKHTIN,

2011). Não diremos que tais fatos não ocorram, mas apenas pelo desejo do filólogo para estudos de palavras sem contrastes com a realidade viva (VOLÓ-CHINOV, 2017).

As orientações filológicas sublinharam, de certo modo, o pensamento linguístico europeu em um dado corte histórico, mas ainda se reflete na contemporaneidade, basta ver a prática de estudos das línguas mortas conservadas nos momentos de escrita. Esse tipo de estudo não é capaz de revelar o processo de surgimento e percepção da língua em uso; não é uma reflexão da consciência alheia (VOLÓCHINOV, 2019). Contudo, o que consideramos a partir do dialogismo são as alternâncias e a participação do outro na comunicação.

Segundo Bakhtin (2011), essa alternância dos sujeitos do discurso é a primeira peculiaridade de constituição do enunciado como unidade viva da comunicação, isso concebe o texto tal qual as práticas do cotidiano. Nos diz Volóchinov (2019):

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele a quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão a "alguém" em relação a um "outro". Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela

apoia uma de suas extremidades em mim, e a outra, no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (2019, p. 179).

Ensinar sobre práticas textuais é indicar a escuta responsiva (BAKHTIN, 2011), a palavra como ponte que leva e traz de forma flutuante a informação, é considerar a vivacidade do contexto, da cultura, da religião, da crítica ética elaborada apenas na plurivocidade e ambiguidade das consciências.

Trabalhar com o texto em sala de aula é mostrar a importância da vivência com outro sujeito oposto, levando em consideração a coletividade na construção da consciência. Segundo Bakhtin, "eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro" (2011, p. 311). Esse é o ato que constitui a consciência enunciativa e responsiva em uma coletividade organizada. Adiante discutiremos ainda sob a perspectiva dialógica do discurso, as questões do enunciado, responsividade e o terceiro no discurso pelo qual também somos constituídos.

## Enunciado, responsividade e o terceiro no discurso

Para Volóchinov (2019), a palavra é uma espécie de roteiro de um acontecimento concreto. Ou seja, é na compreensão viva do sentido dessa palavra que acontece a relação mútua entre os protagonistas da interlocução. Havendo a interpretação do enunciado como signo vivo e ideológico, há precisamente a tomada de posição e resposta do ouvinte, o qual assume o papel de protagonista.

O sentido que o enunciado produz na vida não tem relação com a composição puramente verbal das palavras, tendo em vista que reverbera sentidos vastos. Para Medviédev (2012) a obra sempre está relacionada e orientada às condições da vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo de uma realidade temática.

As palavras ditas são repletas de subentendido. Assim, temos os contrapontos da situação extraverbal fazendo surgir a concordância e discordância, o que Volóchinov (2019) aborda como vertentes da compreensão e da avaliação do ouvinte.

O interesse dos estudos do Círculo Bakhtiniano circula em volta da compreensão do outro no esquema extraverbal do enunciado, visto que, ao compreender esse esquema toma-se posição responsiva fazendo crescer os fios da palavra dentro da trama discursiva. Assim sendo, cabe-nos a indagação: mas como a palavra se relaciona à situação extraverbal? Vejamos um exemplo por Volóchinov (2019):

Duas pessoas estão sentadas em um quarto. Estão caladas. Uma diz: "puxa!". A outra não responde nada. Para nós, que não estávamos no quarto antes disso, toda essa "conversa" é totalmente incompreensível. O enunciado "puxa!", tomado de modo isolado é vazio e privado de qualquer sentido. No entanto, a conversa peculiar desses dois, que, na verdade consiste em apenas uma palavra pronunciada com entonação expressiva, é repleta de sentido e de significado, e é muito bem finalizada (2019, p. 118).

O contexto extraverbal do enunciado "puxa" só poderia ser compreendido a partir de três fatores: 1) o horizonte espacial comum dos falantes; 2) o conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois; e 3) a avaliação comum da situação tomada pela compreensão do acabamento do discurso (VOLÓCHI-NOV, 2019). Por estes pontos de vista, para compreensão do enunciado, faz-se necessário: o que foi visto por ambos os sujeitos do contexto; o que ambos conhecem sobre o contexto; e o que foi avaliado por ambos em concordância ou discordância. Volóchinov (2019) aponta que o subentendido da palavra está em um contexto que habita no horizonte espacial e semântico comum dos falantes.

Vale ressaltar que a palavra "puxa" dita de forma isolada pode conceber significado linguístico e normativo, mas apenas isso. Não seria possível apontar possibilidades de ocupar uma posição responsiva pelo fato da situação isolada da palavra. Se tomada dessa forma, não haveria possiblidade de saber o que o

falante queria dizer com essa oração, ela não é antecedida nem sucedida por outras orações do mesmo falante e não resultaria compreensão do contexto do enunciado, resultando no bloqueio da situação avaliativa a qual proporciona conclusibilidade.

A conclusibilidade, ou acabamento momentâneo do enunciado, é uma espécie de avaliação da palavra. É este fator que faz progredir o discurso e transforma o ouvinte em coparticipante, o qual coloca sua visão, fazendo surgir o desenvolvimento da situação interlocutiva. Sobre a conclusão momentânea do discurso, Bakhtin (2011) diz que

A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições. Quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do enunciado, como se ouvíssemos o "dixi" conclusivo do falante [...] o primeiro e mais importante critério de conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de responder a ele, em termos mais precisos e amplos, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva [...] alguma conclusibilidade é necessária para que se possa responder ao enunciado (BAKHTIN, 2011, p. 280).

Essa espécie de tom conclusivo no texto gera o inacabamento. Isso é necessário para conceber a troca de turno no discurso fazendo progredir a palavra. Essa interlocução está ligada intrinsicamente à compreensão da intenção discursiva, a qual é responsável pela determinação do todo do enunciado. É a partir das fronteiras da palavra que sentimos a intenção discursiva do sujeito, o todo finalizado do enunciado. Pressupomos o que "o falante quer dizer, e com essa ideia verbalizada, essa vontade verbalizada, é que medimos a conclusibilidade do enunciado", tomamos o turno discursivo e nos tornamos coautores do contexto, protagonistas do enunciado (BAKHTIN, 2011, p. 281).

Por outro lado, a possibilidade de inteireza do enunciado é provocada, realizada e atualizada por um terceiro participante do diálogo. Para Bakhtin

[...] cada diálogo ocorre como que no fundo de uma compreensão responsiva de um terceiro invisivelmente presente, situado acima de todos os participantes do diálogo (2011, p. 333).

Logo, é através desse terceiro, por meio da sua voz de autoridade, que também acontece o apoio discursivo e o emolduramento do enunciado alheio.

A palavra avança cada vez que é enunciada em busca da compreensão. Assim, para Bakhtin (2011, p. 334), "a palavra quer ser ouvida, entendida, respondida. E, mais uma vez, responder à resposta como em um ad infinitum". Para que isso ocorra, vale-se, como dito antes, da voz de autoridade, a voz de um terceiro que pode apresentar-se como "Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, etc." (BAKHTIN, 2011, p. 333). A exemplo

dessa autoridade, nota-se a voz religiosa ao condenar o pecado, o sujeito enuncia a voz de Deus para condenar (está escrito na palavra de Deus, isso é pecado!). Ao apontar um superior irrefutável, cria-se um ambiente de convencimento pela voz do terceiro.

Medviédev (2012) completa dizendo que a obra possui um espaço e tempo real e que o autor pressupõe sempre um auditório de interlocutores, atentando-se para a reação deles. Então, o autor dirige sua produção sempre correlacionando alguma esfera ideológica, ligada à igreja, à política, ao palco, ao teatro, entre outros. Assim, não existe vazio discursivo, os sujeitos se valem de vozes e escutas alheias como escapatória. Em outros termos, tomam o que foi dito por *outrem* no intuito de se fazerem ouvir e serem aceitos como protagonistas.

Um fator importante é compreender que o terceiro do discurso não pode ser considerado um sujeito místico ou metafísico. Mas o terceiro se manifesta pela presença de vozes ideológicas que constitui a consciência e, pela ideologia, é determinado como sujeito responsivo,

Não se trata da análise da consciência sob a forma de um eu único e singular, mas precisamente da análise das interações de muitas consciências, da análise não de muitas pessoas à luz de uma só consciência, mas precisamente de muitas consciências isônomas e plenivalentes. A não autossuficiência, a impossibilidade da existência de uma consciência. Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me

revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. Os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (BAKHTIN, 2011, p. 341).

Nesse trecho da Estética da Criação Verbal, Bakhtin desvenda o segredo da formação da consciência e critica o desenvolvimento como ato individual. Dessa forma, aceita que o sujeito ocupe posição e tome decisões em torno das questões ideológicas. Para o autor não existe monólogo, isso seria uma contradição. A consciência é formada pela essencialidade da pluralidade e pelas muitas vozes, afinal, para Bakhtin (2011), em tudo ouvimos vozes e há sempre relações dialógicas entre elas.

As influências extraverbais têm importância singular na formulação da consciência humana. Essas influências, para Bakhtin (2011), estão plasmadas em palavras de consciências alheias tomadas e reelaboradas como "nossas palavras", mas sempre com o apoio da "palavra de *outrem*" (não necessariamente percebidas de imediato). Assim, apenas no limiar das vozes dotadas de autoridade, pode vir o fator criativo que reelabora o dizer.

Na continuidade discursiva deste artigo, buscamos transportar a discussão para uma investigação em sala de aula. O intuito foi relacionar a teoria de Bakhtin (discutida até o momento) às questões da educação, mais precisamente o que concerne ao trabalho com a produção textual (discurso) na escola.

## Análise de um contexto: as muitas vozes de um diálogo

Esta investigação foi baseada em uma abordagem qualitativa (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013) e desenvolveu-se em uma turma de 5° ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Maceió-AL, por intermédio de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011). Segundo Thiollent (2011), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social, na qual os pesquisadores e os participantes representativos do evento em foco estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Ressaltamos que 18 alunos (8 meninas e 10 meninos) participaram voluntariamente da investigação que durou 5 meses as terças e quartas-feiras. A intervenção didática aconteceu em três momentos: 1º) quando o professor solicitou a produção escrita de contos pelos alunos individualmente; 2º) intervenções nas produções discursivas dos alunos por meio de bilhetes; 3º) a reelaboração colaborativa em díade. Por questão de delimitação neste trabalho, dentre os textos dos 18 alunos colaboradores da pesquisa, analisamos 3 versões do texto de uma aluna, que ocorreu durante 3 dias<sup>2</sup> de aula de 120 minutos cada.

Para o desenvolvimento da descrição das falas dos interlocutores, utilizou-se entrevistas e a observação durante as aulas de produção textual. As aulas foram registradas em um diário de campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994) e por meio de gravações em áudios.

Na primeira aula de efetiva participação prática do professor pesquisador, iniciou-se um diálogo sobre as peculiaridades do gênero Conto com toda a turma. O intuito, naquele momento, era de familiarização entre os sujeitos da pesquisa. No início, percebia-se a timidez dos alunos pela presença de um professor desconhecido na sala de aula. Naquele ambiente o pesquisador ficou à vontade para dispor a sala em círculo para que houvesse uma aproximação maior entre os alunos.

Na segunda aula, ao dar-se início à intervenção, os alunos foram convidados a produzir seus próprios contos. Na ocasião, a aluna, denominada nessa análise de Lígia³, produziu o conto intitulado "O Leão e o Coelho" (LÍGIA, 2019). O processo de intervenção textual no referido conto possibilitou a produção de 3 versões.

A primeira versão escrita pela aluna Lígia aconteceu no contexto da aula do pesquisador com toda a turma. A referida produção teve como parâmetro metodológico uma sequência didática (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) elaborada pelo pesquisador na ocasião da pesquisa-ação. A sequência didática garantiu

a apresentação formal e discursiva do gênero conto e o encaminhamento da produção textual. Após essa contextualização, seguimos para a análise da primeira versão do conto.

Quadro 1 – Primeira versão do conto "O Leão e o Coelho"

#### O leão e o coelho

Era uma vez um leão e o coelho eles são amigos mais não é essa história que eu quero contar e sim como eles se tornaram amigos. O leão estava procurando sua caça então ele viu o coelho quando ele foi atacar o coelho pediu para ele parar e por algum motivo ele parou foi daí que eles se tornaram amigos. Fim

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Como observado, há no conto de Lígia algumas lacunas discursivas: ausência dos acontecimentos cronológicos e local onde se deram os fatos. Embora inferimos que, como o leão estava indo caçar, as cenas aconteceram em uma floresta. Por visão excedente (BAKHTIN, 2011), o professor percebeu a ausência de uma melhor contextualização do encontro entre o leão e o coelho e de informações sobre quanto tempo durou essa amizade.

O professor pesquisador, através de um bilhete grampeado ao texto, buscou enfatizar em sua intervenção as questões do inacabamento, em razão de que, qualquer discurso está sempre aberto em um eterno vir-a-ser (BAKHTIN, 2011). No início, houve muitas rasuras para que se consolidasse o que está escrito na primeira versão do conto elaborado por Lígia. Desse modo, o professor entregou-lhe o seguinte bilhete:

Quadro 2 – Primeiro bilhete do pesquisador para o conto "O Leão e o Coelho".

#### Oi, Lígia

Achei seu conto incrível. Eu amo animais. Só que os detalhes dos acontecimentos ficaram tão poucos, não dá para saber onde eles moravam, como realmente se conheceram, como iniciou essa amizade e até mesmo o tempo que durou tudo isso. Que tal contar mais? Estou esperando ansioso para saber o desfecho disso tudo.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

O professor mostrou-se interessado no que a aluna dizia ao acentuar seu amor pelos animais, constituindo a interação (BAKHTIN, 2011). Assim, afirmou-se a importância do outro na reconstrução do discurso e da réplica posterior, afinal, o diálogo não depende do eu que enuncia, mas do outro, que o constitui na medida em que a interação acontece. Não há criação primeira da palavra, mas há apropriação a partir da réplica inacabada do outro, e a ele responde-se criando uma cadeia discursiva. Portanto, eis a importância da interlocução interessada que fizeram surgir duas vozes que significaram em um contexto imediato da reelaboração do conto.

O professor buscou apontar as lacunas abertas no conto de Lígia através das perguntas postas no bilhete. No entanto, de acordo com as teorias de Bakhtin, não é possível analisar as partes sem considerar todo o contexto em que o discurso circula. Os sentidos das vozes dependem da situação histórica e social mais imediata, o auditório social representado. Ao observar as palavras de Lígia, foi possível perceber a presença de algumas vozes de autoridade (um terceiro) que alicerçam suas ideologias.

Identificamos uma crítica de Lígia à hegemonia entre força e fraqueza: o maior domina o menor, predador e caça, uma crítica pela não possibilidade da amizade entre o leão e o coelho. Lígia construiu a idealização utópica de uma sociedade perfeita. Observamos essa ideação de forma mais acentuada na segunda versão do texto, quando a aluna buscou desconfigurar as assimetrias sociais.

Quadro 3 – Segunda versão do conto "O Leão e o Coelho".

#### O leão e o coelho

Era uma vez um leão e um coelho e vou contar como eles viraram amigos. O leão estava à procura de sua caça então ele avista o coelhinho, era branco como a neve se destacava no meio das belas plantas da África. Então quando ele ia atacando, ele disse: pare! O leão disse – porque eu faria isso? O coelho falou – por que nós temos que ser amigos, temos que mudar isso de que caça e predador não podem ser amigos, o leão aceitou e agora eles vivem aventuras juntos e dividindo um apartamento. Fim.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Após a reelaboração desta última versão o professor se dispôs a tirar as dúvidas de Lígia sobre a continuidade da sua produção textual. Nessa etapa os detalhes e contextualização do início da amizade entre os animais já se mostraram com mais evidência. Em diálogo, ela relatou se sentir inspirada pelo filme "A era do gelo" (isso evidencia mais uma vez a voz de autoridade do terceiro no discurso), no qual animais biologicamente ferozes, a exemplo do Leão, vive em completa harmonia com antas e esquilos, um mundo completamente utópico. Para um melhor entendimento, observe a figura 1.

Figura 1 - Cartaz do filme "A Era do Gelo"



Fonte: Google Imagens, 2019.

Analisando a imagem, pode-se observar as idealizações de Lígia. Há fatos que no plano real não existiria, dado que, as possibilidades de haver amizade entre animais tipicamente selvagens e ferozes são mínimas. Entretanto, os sujeitos estão sempre a idealizar contextos como esse: a vida em perfeita harmonia. As vozes que Lígia reverbera não se esgotam no filme "A Era do Gelo", considerando que a origem da idealização de sociedade per-

feita possui várias vertentes. No tocante, tem-se os ideais da República de Platão.

Essa obra foi escrita por volta de 380 a.C. e, em sua base, busca uma fórmula que garanta uma harmoniosa administração em uma sociedade, mantendo-a livre e distante da anarquia, dos interesses, das disputas e do caos. O teor principal da obra é a busca pela justiça por uma perfeita administração.

Outra voz de autoridade marcante que também idealiza uma sociedade perfeita encontra-se no meio religioso, mais precisamente nas publicações das Testemunhas de Jeová. Por fim, soubemos que Lígia frequenta essa religião e, consequentemente, representa este auditório social (VOLÓCHINOV, 2017). Suas ideologias são para ela as vozes de autoridade que modula o discurso, o terceiro no contexto.

Figura 2 – Cartaz ilustrativo do paraíso das Testemunhas de Jeová.



Fonte: Site Oficial das Testemunhas de Jeová, 2019.

Para as Testemunhas de Jeová, brevemente haverá na terra um governo justo, liderado por Jesus Cristo, no qual não se concebe ambições e a justiça reinará para sempre. Cotejando<sup>4</sup> as figuras 1 e 2 com o conto de Lígia, nota-se certo equilíbrio dos ideais trazendo os anseios de um auditório. É possível analisar que as duas imagens se tocam discursivamente ao defender a harmonia social.

O intuito no cotejo é propor a compreensão de que um texto só se realiza através das vozes (da ideologia, do terceiro) presentes em outro texto (BAKHTIN, 2011). Qualquer palavra, texto ou enunciado só têm vida na relação com outro enunciado, outra palavra. Apenas quando eles se tocam é que explode a sua vida e a formação da consciência. Esse contato entre textos na verdade é o contato entre sujeitos falantes e expressivos. Não é apenas um contato mecânico de palavras e textos, mas sim um contato vital, existencial, vivencial entre pessoas que falam, que alternam atividades com textos, enunciando pontos de vista, valores e posições.

A interlocução entre os sujeitos se dá nesse contexto; as divisões de vozes são bem visíveis nesse processo de encontro e escuta de palavras; o sentido quase infinito produz questões de inacabamento, isso porque duas ou mais consciências estão se relacionando em um processo produtivo, de índole criadora sem fim (BAKHTIN 2011).

Para compreender o texto de Lígia foi necessário ir além de sua produção imediata e buscar em suas palavras/ enunciados mais possibilidades de sentidos do que havia. Dessa maneira, foi primordial escutar quem era o terceiro pelo qual ela tomou a palavra.

As inspirações de Lígia são consideradas por Bakhtin como cotejos e respostas ativas de discursos outros pelos quais os sujeitos se constituem e buscam dar acabamento com suas bases ideológicas. Isso também vem reafirmar que os sujeitos tomam o texto (discurso) como reflexo subjetivo do mundo objetivo; o texto como expressão da consciência que reflete um desejo (VOLÓCHINOV, 2017).

A terceira versão do texto de Lígia foi reelaborada em díade a partir da leitura da segunda versão com a participação da sua colega de turma que nomeamos de forma fictícia de Gabriela. Para a terceira versão não houve bilhete, as alunas discutiram face a face com a ajuda do pesquisador a continuidade discursiva do conto, e, em cotejo entre a primeira e segunda versão, construíram a terceira.

Quadro 4 – Terceira versão do conto "O Leão e o Coelho".

#### O leão e o coelho

Era uma vez um leão e o coelho. O leão se chamava carniça e o coelho floco de neve. O carniça procurava a caça, aí ele viu o floco de neve e queria ser amigo dele, mas o coelho fugiu com medo, o leão falou não corra só quero falar com você, o floco parou, o coelho se aproximou, o floco de neve disse sim.

O leão falou meu nome é carniça, o coelho falou que nome esquisito, o carniça riu e pergunta qual o nome dele, ele responde: floco de neve, o carniça disse legal gostei do nome, ele disse obrigado, eles conversaram muito, daí todo dia eles se encontravam pra conversar, surgiu uma grande amizade um protegia o outro. Fim

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

É interessante observar que entre a segunda e terceira versão do conto houve uma modulação no discurso. Entre as duas versões identificamos a diferença estilística. Isso se deve ao fato de que quando Gabriela foi convidada por Lígia para a reelaboração da terceira versão do texto, a interação constituiu um processo de criação de novos sentidos. Para uma maior clareza do nível de interação na reelaboração do conto, dispomos adiante um trecho do diálogo no momento da escrita.

#### Fragmento 1:

Lígia: Começo com uma vez?

**Gabriela**: Sim, toda história tem isso, eu acho que tem que ter.

**Pesquisador**: Vocês podem optar por colocar ou não.

**Gabriela**: Vamos colocar, toda história boa tem isso.

**Lígia**: A gente deixa o nome dos animais como estão, né?

Gabriela: Eu gostei, mesmo sendo um nome pesado, o Carniça, mas ficou bem engraçado.

**Lígia**: Agora é continuar falando da amizade deles, não é? É assim que será um dia quando Jesus trouxer o seu reino.

Gabriela: Essa é a verdade.

No diálogo inicial das alunas foi possível notar a presença da voz de autoridade do terceiro (a religião), por meio da qual traz concordância entre elas: "É assim que será quando Jesus trouxer o seu reino" a outra concorda: "Essa é a verdade". Dois enunciados diferentes na forma, mas idênticos no sentido, ligados por relações dialógicas de concordância. As alunas continuam a dialogar:

#### Fragmento 2:

**Gabriela**: Lígia, o leão não pode ser mal, nós já temos que viver o reino de Jeová.

Lígia: E como eu coloco aqui?

Gabriela: Que o leão estava procurando um amigo.

**Lígia**: Mas o coelho deve ter se assustado com o leão.

**Gabriela**: Eu acho que não, mas você pode escrever.

Escreva que eles se conheceram e conversavam muito.

Ao levar em conta o "confronto" entre as vozes das alunas, fator constituinte da interlocução, percebe-se que o discurso é uma pequena arena de disputas ideológicas que impõe e busca convencer (VOLÓCHINOV, 2017). Por consequência, a presença do outro é fundamental para o crescimento discursivo, pois "[...] quando dois interagem, é de alguma forma o mundo que interage" (SOBRAL, 2009, p. 48), repletos de orientações e vivências exteriores.

A partir do conto das alunas, podemos elencar três estágios para a constituição da produção de um texto como enunciado vivo: 1) a orientação social; 2) um produto ideológico; e 3) as condições técnicas exteriores. O primeiro perpassa as visões da vivência cotidiana e do auditório social. Nesse estágio surge a consideração pelo autor de um ouvinte ou participante presumido. Esse movimento regula a passagem da expressão interior para o exterior, entra em jogo o que estamos denominando de voz de autoridade de um terceiro, que nesse estágio de produção, assume um lugar de observador como

que invisível pelo qual o autor se inspira (VOLÓCHINOV, 2019).

No segundo estágio da produção do enunciado, o autor já considera o ouvinte real e presente, ele já traz à tona a materialização da obra (no sentido estrito da palavra). Começa a nascer as proposições do domínio do material para que então transforme-se, segundo Volóchinov (2019, p. 263), em uma "estátua, quadro, sinfonia, poema, romance, conto etc.". Um ponto importante refere-se à transformação desse material em formação, em um objeto ancorado em uma base ideológica, portanto, repleto de significados.

Por fim, no terceiro e último estágio, Volóchinov (2019) aponta que o material que surgiu de uma base ideológica e significativa definida, deve buscar se enquadrar nas reformulações técnicas. No momento em que a produção está determinada de valores axiológicos e tonalidades expressivas, orienta-se para as questões de redação, editoração, tipografia etc. Esse último estágio ressalta o papel da mediação e intervenções para a reelaboração da obra, como visto no conto "o leão e o coelho", reformulada e editorada pelas relações dialógicas com os bilhetes do professor, como também, a reprodução em díade e a voz do terceiro.

Com base no que discutimos até o momento, buscamos mostrar, por meio do Quadro 5, a questão evolutiva do conto de Lígia, passando pela orientação do bilhete até a construção da discursividade com a colaboração de Gabriela; identificamos o desenvolvimento da amizade entre o leão e o coelho, tendo em vista que houve inclinação de Lígia pelo tema da amizade entre os animais.

Quadro 5 – Evolução discursiva do conto "O Leão e o Coelho"

#### O início da amizade entre o leão e coelho:

"O leão estava procurando sua caça então ele viu o coelho quando ele foi atacar o coelho pediu para ele parar e por algum motivo ele parou foi daí que eles se tornaram amigos". (Lígia)

#### Interlocução interventiva com o bilhete:

Os detalhes dos acontecimentos ficaram tão poucos, não dá para saber onde eles moravam, como realmente se conheceram, como iniciou essa amizade e até mesmo o tempo que durou tudo isso. (Professor pesquisador)

## O desenvolvimento da amizade na segunda versão do conto após bilhete:

"O leão estava à procura de sua caça então ele avista o coelhinho, era branco como a neve se destacava no meio das belas plantas da África. Então quando ele ia atacando, ele disse: pare! O leão disse – porque eu faria isso? O coelho falou – por que nós temos que ser amigos, temos que mudar isso de que caça e predador não podem ser amigos, o leão aceitou e agora eles vivem aventuras juntos e dividindo um apartamento". (Lígia)

## Desenvolvimento da amizade do coelho e leão na terceira versão após a interlocução entre Lígia e Gabriela:

"O carniça procurava a caça, aí ele viu o floco de neve e queria ser amigo dele, mas o coelho fugiu com medo, o leão falou não corra só quero falar com você, o floco parou, o coelho se aproximou, o floco de neve disse sim. O leão falou meu nome é carniça, o coelho falou que nome esquisito, o carniça riu e pergunta qual o nome dele, ele responde: floco de neve, o carniça disse legal gostei do nome, ele disse obrigado, eles conversaram muito, daí todo dia eles se encontravam pra conversar, surgiu uma grande amizade um protegia o outro". ((Lígia e Gabriela)

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Como pôde ser observado no quadro 5, o conto também evoluiu com respostas das alunas sobre outros pontos como: local onde os animais moravam ("em um apartamento na África"), como se conheceram ("durante as caçadas do leão") e, por consequência, supomos o tempo em que esta amizade durou ("todo dia se encontravam"). Ou seja, acreditamos que, por se encontrarem todos os dias, a amizade durou para sempre.

Concluímos essa etapa da análise do conto de Lígia reforçando a essencialidade do olhar do outro sobre o discurso inacabado (BAKHTIN, 2011). O outro traz a possibilidade de interação como interlocutor interessado e, através desse interesse, surge as respostas nos contextos dialógicos. No mundo dos acontecimentos reais, o que Bakhtin (2011) chama de mundo da vida, sempre nos apresentamos de forma inacabada, pois, o mundo está envolto de possibilidades flutuantes.

## Considerações Finais

Nesta investigação, perguntou-se qual o papel do outro no desenvolvimento discursivo do texto. Dessa forma, a presente pesquisa objetivou analisar a reelaboração discursiva do texto fundamentada nas intervenções entre interlocutores interessados a partir da compreensão da resposta ativa do

enunciado marcado pela voz do terceiro no discurso.

Para alcançarmos o objetivo, foi preciso analisar o seguinte *corpus*: (1) O texto das alunas; (2) o bilhete do professor pesquisador às alunas; e (3) a contrapalavra na composição do texto em pares. Os eventos interlocutivos, pelos quais se constituíram o *corpus*, buscaram definir a importância sobre a presença e intervenção do "outro" no processo de produção textual discursiva.

Podemos inferir que não existe fórmulas prontas para o trabalho com textos na escola, as metodologias de trabalho devem ser realizadas em momentos modulados pelos gêneros do discurso dentro do contexto social da sala de aula. No entanto, no contexto dessa investigação, surgiram duas estratégias como meios de produção escrita interessada: o uso do bilhete do professor e as interações entre os alunos.

Os resultados mostraram que o inacabamento da discursividade nos textos de Lígia gerou a responsividade ativa. No processo de produção textual, o outro (pesquisador) assumiu um lugar significativo na reelaboração dos sentidos do texto através de sua réplica, que permitiu a retomada das ideias do autor a partir do entrelaçamento das muitas ideologias, as vozes de autoridade que nos constituem, o terceiro do discurso.

A composição da investigação, de forma conclusiva, apontou que, por sua

visão excedente, o outro possui papel relevante e determinante na cadeia organizacional e ininterrupta do discurso no texto.

Diante das considerações apresentadas, ressaltamos a importância de professores e pesquisadores de língua materna direcionarem o olhar para proposições de um trabalho interativo em sala de aula, porque, além de colocar os alunos em dialogia com os diversos usos da linguagem e oferecer-lhes subsídios para viver em sociedade, possibilita que se constituam como sujeitos que dizem e não sujeitos passivos que meramente se apropriam do conhecimento linguístico e se contentam com as informações transmitidas.

Writing and the construction of meanings: the role of the other in the discursive reelaboration

#### Abstract

This investigation aimed to analyze the discursive re-elaboration of the text based on interventions of interested interlocutors from notion of the active response of a third party's statement in the discourse In this context, it was questioned: what is the role of the other in the discursive development of the text? This research is an action research with a qualitative approach. In the data analysis, we discussed the data from the dialogical perspective of the Bakhtinian Circle. The results revealed

us that, due to their outer view, the other has a relevant and determining role in the flow of the discourse in the text, organizing and preventing its interruption. In the textual production process, the other assumed a significant place in the re-elaboration of the meanings through their replica, which allows the resumption of the author's ideas, since the exchange of ideas will interweave their ideologies, and also the authoritarian voices that are in the discourse.

Keywords: Writing. Unfinished. Re--elaboration. The Third party of the discourse.

#### Notas

- Esta investigação é um recorte de uma dissertação de mestrado finalizada e defendida em 2020.
- Para elaboração deste artigo, recortamos as cenas de escrita e reescrita de textos de uma aluna e sua colega em um prazo específico de 3 dias. Este evento ocorreu dentro do prazo de 5 meses, tempo total desta investigação.
- <sup>3</sup> Como modo de preservar a identidade dos participantes e colaboradores da investigação, todos os nomes citados são fictícios.
- <sup>4</sup> A palavra Cotejo de forma dicionarizada significa "comparação entre uma coisa e outra". No entanto, o sentido dessa palavra toma potencialidades na Obra Estética da Criação Verbal (2011). Bakhtin afirma que todo signo conduz para fora dos seus limites. Para o autor, cotejar é compreender as relações entre contextos significativos através do dialogismo.

#### Referências

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAZARIN, M. A construção da interação entre professora e alunos em contexto escolar. *In*: SIGNORINI, I. (Org.). *Gêneros Catalisadores:* letramento e formação do professor. Parábola, 2006.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Notas de campo. In.: BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. Investigação qualitativa em educação - uma introdução às teorias e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994. P.150-175.

MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. [Trad. e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

SOBRAL, A. *Do Dialogismo ao Gênero:* as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

VOLÓCHINOV, V. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. A Palavra na Vida e Palavra na Poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.